

Indo além da reportagem: as discussões de gênero, raça e direitos humanos nos comentários no G1 sobre a vitória de Donald Trump nas eleições dos EUA¹

Silvio Simão de Matos²

Jucilei Geraldo Hübner³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Universidade da Região de Joinville, Joinville, SC

Resumo

No decorrer da evolução dos meios de comunicação, questões que envolvem o cotidiano da sociedade sempre estiveram presentes. Seja no rádio, no jornal, na TV, ou, por último, na web. O surgimento desta última aproximou as pessoas e trouxe novos elementos para a relação entre mídia, poder e as manifestações de quem interage no processo. O presente estudo busca identificar como se configuram as discussões sobre gênero, raça e direitos humanos nos comentários feitos em reportagens, em portais da web, especificamente no G1, pertencente ao grupo Globo. O objeto de análise são notícias relacionadas à vitória de Donald Trump, nas eleições dos Estados Unidos. Observa-se que, como um campo aberto de fácil inserção e inclusão, os comentários feitos nessas reportagens permitem diferentes tipos de manifestações, bem como a possibilidade de os atores criarem personagens para participar das discussões.

Palavras-chave: Comunicação; gênero; direitos humanos; web.

1. Introdução

Nos últimos 60 anos, os meios de comunicação passaram por transformações relevantes. Não só pelo fortalecimento da televisão, mas também pela inserção de novos formatos, como a internet. E se de um lado essas mudanças serviram para ratificar a hegemonia e o poder por parte de quem tem exercido controle sobre a sociedade, de outro contribuíram para a inserção de novos mecanismos de interação e participação, a exemplo do que acontece com a própria televisão, o que ganhou passos decisivos com o advento de blogs, sites, portais e páginas de sites de relacionamento.

¹ Trabalho apresentado no DT 5 Multimídia, GP Comunicação e Cultura Digital, do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pela UFRJ. Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda e professor na Univille. E-mail: silvio.simon@univille.br

³ Doutorando em Comunicação pela UFRJ. Professor na Univille. E-mail: jucileihubner@gmail.com

Curtidas, compartilhamentos e comentários acabam por alimentar o cotidiano de inúmeras postagens e reportagens, relacionadas à geração de conteúdo, ao cotidiano, a grupos de amigos, aos acontecimentos do trabalho e da família, mas, também, chega a questões relacionadas à política, à economia e ao esporte: um entrelaçamento de ideias e opiniões que atuam no estabelecimento de novos formatos de hegemonia e poder. E isso tem vazão em meios tradicionais e dominados pelos grupos de comunicação de massa, mas, também, em áreas ainda em construção, como a web. São territórios sem fronteiras, capazes de estabelecer uma disputa de espaço, poder e efetivação de um discurso, em uma cultura que se reconfigura e se reconstrói, alimentada por integrantes que se misturam entre os nativos digitais e aqueles que se inserem no processo e estão aprendendo a lidar com as questões do mundo da internet.

Para discutir como se configuram as discussões sobre gênero, raça e direitos humanos nos comentários feitos em reportagens e publicações na web, é relevante compreender conceitos como mídia e poder, cibercultura e a web como espaço para se expor e dialogar. E, a partir desses aspectos, inicia-se um entendimento a respeito de como os indivíduos, de forma nominal ou utilizando-se de pseudônimos, interagem na web e expõem suas considerações, sejam elas relacionadas às reportagens alvo do estudo, ou, mesmo, advindas de uma construção de pensamento já preestabelecida e alimentada por discursos de ódio e repressão.

2. A mídia como poder

As discussões envolvendo mídia e poder percorrem toda a construção dos mecanismos de comunicação social, desde os tempos em que as informações eram transmitidas em praça, seja por representantes dos governos ou mesmo por meio de sátiras, como narrado por Mikhail Bakhtin, no livro *A cultura popular na idade média e no renascimento*. O nascimento de meios tradicionais até a emergência dos meios de massa, como o jornal e o rádio, reforça a relação e as discussões entre mídia e poder. Para Sá Martino, “a mídia, nesse sentido, não é apenas o *instrumento* de imposição legitimada de um padrão, mas também a *arena* das disputas de espaço pela construção de práticas significativas dentro de uma cultura em luta” (2010, p. 145).

Tem-se, assim, uma efervescente discussão sobre as ideologias formadas por grupos dominantes, que procuram por meio da mídia reforçar suas doutrinas, seus padrões

de pensamento e comportamento em relação aos fatos que darão sustentação ao perfil de sociedade que desejam. Coutinho, ao fazer uma reflexão dos estudos de Gramsci sobre a comunicação, pontua que ele relaciona esse campo de estudo com a totalidade da vida social, “compreendendo-a como cultura, práxis interativas, mediação entre sujeito e objeto” (2014, p. 15).

Nessa mediação entre sujeito e objeto, identifica-se a busca constante pela criação e difusão de pontos considerados importantes para o exercício da dominação, para ter a hegemonia de quem governa em relação a quem será governado. Coutinho diz que “e, como tal, estará associada, no pensamento gramsciano, à problemática do Estado, das relações de poder, da hegemonia, isto é, da liderança intelectual e moral de um grupo social sobre o conjunto da sociedade” (2014, p. 15). Portanto, será no conjunto que forma a sociedade civil, onde estão inclusos aparelhos privados de hegemonia como a própria mídia, a escola, a igreja, os partidos, sindicatos e instituições culturais, que a dominação se concretiza, por meio da imposição de uma visão de mundo dos grupos que querem se efetivar no poder.

De acordo com Chauí:

Ideologicamente, portanto, o poder da comunicação de massa não é igual ou semelhante ao da antiga ideologia burguesa, que realizava uma *inculcação* de valores e ideias. Dizendo-nos o que devemos pensar, sentir, falar e fazer, afirma que nada sabemos e seu poder se realiza como *intimidação* social e cultural. (2006, p. 77)

Esses mecanismos de controle e intimidação vão estar presentes no discurso construído pelos meios de comunicação e que chegam até a sociedade. Para Sá Martino:

No espectro das relações de poder, o discurso construído sobre determinado grupo é fundamental para decidir quais os termos de uma relação desigual. No entanto, há uma pluralidade de discursos sobre o mesmo objeto – e o discurso da mídia é apenas um deles, poderoso, sem dúvida, mas passível de ser reconhecido/reconstruído no discurso da leitora e em sua identidade. (2010, p. 152)

Nos últimos anos, uma nova arena ganhou força enquanto construção de espaço para exercício do poder pela mídia. A internet exerce hoje um grande fascínio e atrai muitos indivíduos, seja para ler uma reportagem ou um comentário, assistir a um vídeo e ouvir uma música. Chauí comenta que “com os meios eletrônicos e digitais e a televisão, os fatos tendem a ser noticiados enquanto estão ocorrendo, de maneira que a função

noticiosa do jornal é prejudicada, pois a notícia impressa é posterior à sua transmissão pelos meios eletrônicos e pela televisão” (2006, p. 12).

Esse novo mundo que se desenvolve e traz novos instrumentos para a relação entre mídia e poder é permeado de algoritmos e dados eletrônicos. Isso constrói uma poderosa rede de informação e possibilidades de controle daquilo que estará visível na tela ou não, bem como os sistemas de informação em rede, que também dinamizam e tornam o tempo mais curto e mais próximo.

3. Mídias na web – um espaço para expor e dialogar

O desenvolvimento da internet enquanto meio de comunicação, fazendo circular de forma muito mais intensa e dinâmica informações e conteúdos sobre pessoas, governos e organizações empresariais, eliminou as fronteiras, criou um campo sem território, marcado por conflitos constantes entre o que é privado e o que é público. Tem-se a construção do que Sodré (2002) intitula de *bios virtual*, caracterizada por uma nova forma de vida, que dilui os espaços e as territorialidades. O corpo humano ganha novos adereços, compostos por tablets, smartphones e outros equipamentos digitais, que nos transformam muitas vezes em cyborgs (SANTAELLA, 2007).

Chauí observa que:

[...] a multim dia unifica em um único universo digital manifesta es culturais distintas no espaço e no tempo, diferentes por sua origem (classes sociais, nacionalidades, etnias, religiões, Estados, centros de pesquisa etc.), diversas por seu conteúdo e sua finalidade (informa o, educa o, entretenimento, política, artes, religião), dando origem   cultural virtual. (2006, p. 71)

As consequências dessa unifica o podem ser percebidas no formato das manifesta es construídas desde a primavera  rabe, em 2010, até os eventos marcados por uma intensa participa o dos jovens, em julho de 2013, quando eles foram às ruas com a bandeira de que não era somente por R\$ 0,20 – referente   luta do Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento de R\$ 0,20 no transporte público em São Paulo, com início em 6 de julho, mas que logo reuniu manifestantes nas principais capitais e cidades do país, até chegar ao seu ápice no dia 17, quando, somente na capital paulista, reuniu mais de 65 mil pessoas mobilizadas pelos mais diferentes temas.

Espaços de exposição e declaração de opiniões sempre existiram nos meios de comunicação, com um forte controle por parte dos proprietários da informação. Para Sá Martino (2010) são as ações e os discursos, constituídos por uma determinada linguagem, que contribuem para a disseminação de identidades. O controle existente nos meios de comunicação de massa, agora passa também a ser exercido nos meios on-line, como diz Chauí: “Os meios digitais potencializam de maneira nunca antes vista o poder do capital sobre o espaço, o tempo, o corpo e a psique humanos” (2006, p. 61).

É importante ressaltar nesse contexto da web que o conceito de cibercultura foi desenvolvido por Pierre Lévy. Para o autor, cibercultura é “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2000, p. 17).

Silva Neto e Maciel colocam que o ciberespaço é “[...] apresentado como um meio impalpável, imaterial e desterritorializado. Justamente porque é um lugar abstrato, invisível e semiótico, onde acontecem fluxos de informações na forma de sons, imagens, textos, entre outros” (2010, p. 10). Isso irá se constituir como uma experiência midiática, com vida e em permanente movimento, em que o passado não tem muita significância, o futuro chega e sai de forma rápida e o presente é onipresente.

Como observam Santaella e Lemos:

[...] passamos a selecionar, interferir e criar nosso próprio design no entrelaçamento dos fluxos informacionais que nos chegam através de canais que fazem por sua vez, a busca, a captura e o compartilhamento das informações que nos interessam. (2010, p. 93)

A força da web enquanto mecanismo de comunicação pode ser percebida em estudos realizados pelo IBGE (abril de 2015) e Instituto Nielsen (2015). De acordo com o IBGE, mais da metade dos brasileiros estão conectados à internet. Já os estudos feitos pelo Instituto Nielsen demonstram que, em dezembro de 2015, somente via smartphone, 76,1 milhões de brasileiros acessavam a internet, o que nos leva a apontar que “se antes a TV era o mundo, hoje a internet se constrói enquanto mundo” (SÁ MARTINO, 2010, p. 61).

As redes sem fio, então, substituem, conforme Santaella e Lemos, “formações estáveis de lugar, identidade e nação por arquiteturas flexíveis, geografias variáveis e fluxos maleáveis para os quais não existem fronteiras” (2010, p 17), permitindo que se constitua uma comunicação multimodal, através da qual os sujeitos se conectam e

configuram uma comunicação de qualquer lugar para qualquer lugar, sem obstáculos, de forma dirigida ou não. Freire indica que:

[...] as interpretações pós-modernas asseveram que a possibilidade de anonimato e a instantaneidade do acesso on-line a incontáveis cenas e tribos contribuem para expandir o processo corrente de experimentação e encenação folgas de múltiplos estilos e concepções em si. (2007, p. 71)

Isso se reforça na fala de Chauí, quando a autora diz que, “em outras palavras, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada, abolindo-se a diferença entre espaço público e espaço privado” (2006, p. 9). De fato, o anonimato e as inúmeras possibilidades de interação constituem novas formas de construção do que chamamos de opinião pública, que não mais se efetiva apenas pelos tradicionais meios de comunicação de massa, mas ganha nos atores das redes um poderoso mecanismo de expressão, de exposição de sentimentos, influenciando comportamentos e atitudes.

Voltando para a questão da mistura entre o que é público e o que privado, percebe-se que a web se fixa como um meio democrático de liberdade de expressão e compartilhamento livre de ideias, como aponta Gonçalves (2016), mas que também gera uma base de dados ampla e irrestrita de informações capazes de analisar gostos e preferências individuais (SANTAELLA; LEMOS, 2010). Uma ação caracterizada por voluntariedade, por participação, interação, que tem uma língua universal digital, “[...] promove a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizados pelos indivíduos” (GONÇALVES, 2016). Esse ambiente de interação, produção e distribuição se constitui então por atores, cujo poder específico será definido por sua posição de influência na rede, levando os jovens a se “ligarem” nessa rede de contatos.

4. Comentário como forma de representação

Inúmeros são os mecanismos de interação com a web. Nas mídias sociais, páginas como *Facebook* e *Youtube* permitem a postagem de imagens, fotos e vídeos, compartilhamento e disseminação de ideias e conteúdo. Já os veículos tradicionais de comunicação de massa, ligados ao rádio, à televisão e ao jornal, por exemplo, ingressam nessa nova plataforma levando o que produzem de informação aos seus sites na internet. Em relação ao que representa a web, Santaella diz que “além de ser um meio de

comunicação, as tecnologias de acesso são tecnologias de inteligência que alteram completamente as formas tradicionais de armazenamento, manipulação e diálogo com as informações” (2007, p. 199).

Como exposto por Freire (2007), a internet permite aos usuários que se mantenham no anonimato, muitos deles criando nomes fictícios (também chamados de pseudônimos) para se identificarem. Isso permite a utilização do espaço do comentário para inúmeros perfis de manifestações, sobre os mais diversos assuntos, o que cria uma espécie de proteção para o usuário que se expõe, mas não é identificado, visto pelos outros. Uma situação que também observa Chauí é que “vivemos sob o signo da telepresença e da teleobservação, que impossibilitam diferenciar a aparência e o sentido, o virtual e o real” (2006, p. 32).

Percebe-se que o indivíduo que comenta, interage com outros participantes nos comentários das reportagens, se faz presente, mas, por muitas vezes, não quer ser identificado. Dentro dessa perspectiva, o presente estudo faz análises qualitativas a respeito das considerações que foram feitas pelos internautas em reportagens que abordaram a conquista da Casa Branca pelo candidato do Partido Republicano, Donald Trump. A perspectiva de análise não está baseada no conteúdo da reportagem, mas sim nos comentários feitos em textos publicados no portal G1, no período do anúncio da vitória.

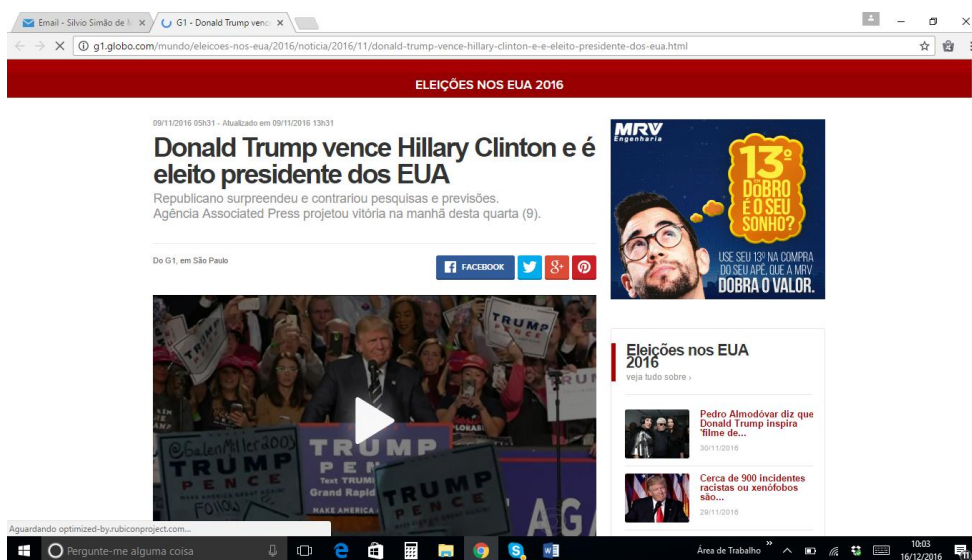
E é justamente nessa relação entre quem publica e quem faz a mediação dos comentários que a web ganha um instrumento forte e decisivo para controle e manifestação de poder. De acordo com Spycer:

A moderação é uma das maneiras de filtrar o ruído, mas a participação de milhares de usuários em ambientes online levou ao desenvolvimento de programas que compartilham com os administradores a responsabilidade de gerenciar o fluxo de informação dentro da comunidade. (2010, p. 62)

A construção de uma identidade, de um entendimento, de disseminação de uma cultura tem no profissional moderador um elemento constitutivo para o desenvolvimento de ações que visam o poder e o controle sobre o que será exibido para quem está acompanhando os comentários nas reportagens. Pelo tipo de proposta que constitui a web, de ser um espaço livre e democrático, o moderador torna-se, então, um ativo elemento de quem busca construir hegemonia.

Durante todo o processo eleitoral, o candidato Donald Trump desenvolveu um discurso voltado a temas polêmicos, dentre eles imigração, religião, homossexualidade e direitos humanos. Ao analisar os comentários das reportagens que foram objeto do estudo, nota-se um conjunto de relatos feitos de forma anônima, de pessoas que estão discutindo as questões levantadas no texto das matérias on-line. O conteúdo desenvolvido na reportagem “Donald Trump vence Hillary Clinton e é eleito presidente dos EUA”, do dia 09/11/2016, do portal G1 (Figura 01), traz a trajetória de Trump, os estados em que ele venceu, os temas polêmicos de sua campanha e o fato de não ter aberto sua declaração de imposto de renda, ação tradicionalmente feita pelos candidatos à presidência dos EUA.

Figura 01: Donald Trump vence Hillary Clinton e é eleito presidente dos EUA



Fonte: www.g1.com

No total, tem-se atualmente 1186 comentários realizados. Há publicações como, por exemplo, “*coitado dos latinos e asiáticos ilegais kkkkkkkk aqui também estamos precisando de uma limpeza de haitianos*”, em uma clara defesa das propostas de Trump. E essa situação é reforçada por inúmeras outras publicações, muitas delas enaltecendo e defendendo a fala adotada pelo presidente eleito: “*Trump eleito significa: perda de direito para g a y s, endurecimento contra os ban'didos, fim da mamata para os baderneiros, fim do abortos. A sua vitória é a vitória da família tradicional. Os v e a d o s p i r a m.*”

É interessante verificar uma relação entre o anonimato e o perfil da linguagem adotada nos comentários. Em sua maioria, quem se mostra ativo na discussão usa de perfis não identificáveis, dentre eles, “Terraseca Jesusestávoltando”, “Crítico Net” e “Will

Smith” – nomes que servem de retaguarda ou mesmo proteção para o perfil das manifestações feitas.

Como relata Sá Martino, “toda representação é um espaço de ação política, e pensar a maneira como uma identidade é representada é também um modo de observar o que se pensa a respeito de um grupo” (2010, p. 125). Isso vai contribuir para reforçar ou construir o discurso do indivíduo ou mesmo de um grupo. Os meios de comunicação se tornam, assim, “local de conflito, no qual novas identidades podem ser criadas ao mesmo tempo em que as antigas podem ser repensadas – ou mesmo voltam com força” (SÁ MARTINO, 2010, p. 125).

Em outra reportagem publicada no portal G1, intitulada “O que pensa Trump: 30 propostas e declarações polêmicas do presidente eleito dos EUA”, também do dia 09/11/2016 (Figura 02), o assunto de política internacional serve para reforçar o discurso presente na fala de Trump. Isso está manifestado no comentário: “até que enfim que depois de 11/9 os USA vão fechar a porta para os maiores preconceituosos religiosos do mundo, que não aceitam outra religião e matam por isso, e que depois que imigram não se identificam com o pai e matam o povo que os acolheram chamando eles de inféis”.

Figura 02: O que pensa Trump: 30 propostas e declarações polêmicas do presidente eleito dos EUA



Fonte: www.g1.com

A terceira reportagem analisada do portal G1, do mesmo dia, tem o seguinte título: “Conheça Donald Trump, o presidente eleito dos Estados Unidos” (Figura 03). Aqui

temas relacionados ao Brasil e contrários à fala de Trump ganham espaço, bem como a de uma eleição cujo vencedor foi o empresário, que não pertence a política.

Figura 03: Conheça Donald Trump, o presidente eleito dos Estados Unidos



Fonte: www.g1.com

O comentário a seguir traz a tese do não-político, do empresário gestor:

Isso não foi uma eleição de direita contra esquerda, foi de uma política contra um não-político. A mensagem não é de uma pendência pra direita mas sim de aversão ao mundo de mentiras, conchavos e interesses da política. Trump tinha todos os defeitos mas pra população americana ele não era político, e só isso bastou.

Já nos dois próximos comentários, tem-se uma narrativa alinhada com a fala de Trump e outra que manifesta um claro repúdio em relação ao presidente recém-eleito.

Brasil varreu a esquerda nas eleições. Trump ganha, Venezuela as portas de expulsar aquela gente doente de la. Agora é hora da europa fazer sua parte. Aquela velha da Alemanha tem que sumir de la.

Tive diarreia a noite inteira, desde que vi que esse velhote facista iria vencer as eleições. Eu estou aqui em São Francisco, na Califórnia, com um grupo de mexicanos, vietnamitas, nicaraguenses, sírios, glbts e abortistas quebrando tudo que vemos pela frente. Não reconhecemos esse Trump c.omo nosso presidente. O mundo tá ficando um lugar difícil de se viver com o facismo crescendo no mundo inteiro. Não sei pra onde fugir.

Ao percorrer os comentários expostos nas reportagens, percebe-se a construção de um discurso muito presente no cotidiano atual da sociedade. O conflito entre opiniões,

que, muitas vezes, extrapolam na expressão e na forma como são expostas está fortemente presente. Isso mostra o quanto o discurso da mídia, discutido por Sá Martino (2010), é reconhecido por alguns e reconstruído por outros, em opiniões desenvolvidas com base na leitura das reportagens por parte dos autores dos comentários.

Essa nova cultura virtual, como aponta Chauí (2006), vai ter de trabalhar a construção textual como um elemento de reforço do poder, por meio, muitas vezes, de uma intimidação social, estabelecida no que é exposto e reafirmado nos diálogos de quem executa o comentário. Tem-se, por último, no anonimato, o que Chauí aponta como “uma impossibilidade de diferenciar a aparência e o sentido, o virtual e o real” (2006, p. 32), caracterizando um esconder de um ator que se expõe, mas não quer ser identificado.

Considerações

Se antes tínhamos uma relação pouco participativa e interativa entre os meios de comunicação e o público que lia, ouvia ou assistia, com o advento da internet surgiram mecanismos que mudaram radicalmente esse sentido. O exercício de poder e de controle por parte da mídia em relação à sociedade ganhou novos contornos e desafios, pois agora não se tem mais um indivíduo estático, passivo, que assiste e, simplesmente, não interage. A possibilidade de comentar, de interagir, de se fazer ver e ouvir está presente e ajuda a construir o que Chauí (2006) aponta como um imediatismo eletrônico, no qual a TV e outros meios perdem seu espaço, principalmente pela questão do tempo da veiculação da notícia.

O presente estudo procurou identificar como se configuram as discussões sobre gênero, raça e direitos humanos nos comentários feitos em reportagens e publicações na web, tendo como foco textos relacionados à vitória de Donald Trump nas eleições dos EUA, no portal G1. A leitura dos comentários postados nas três reportagens estudadas possibilitou um entendimento a respeito da questão proposta. Verifica-se que, ao gerar um espaço aberto, neste caso estudado, controlado por moderador, os indivíduos ganham “liberdade” para expor o que pensam, o que gera, muitas vezes, comentários que radicalizam o tema em discussões e não mostram sintonia com o ambiente atual de diversidade e abertura para as múltiplas vozes que compõem a sociedade, de valorizar a inserção e o debate de temas como gênero, raça e direitos humanos.

Pelo contrário, o que se vê é uma tentativa de esses indivíduos se estabelecerem por meio da força das palavras e do constrangimento, escondidos, quase sempre, em nomes fictícios, uma pseudoliderança intelectual e moral “de um grupo social sobre o conjunto da sociedade” (COUTINHO, 2014, p. 15). A mídia *online* se estabelece então como uma área de disputa e tentativa de construção de um discurso, de uma ideologia, de uma forma de poder, que ganha nas palavras ditas por Donald Trump, estímulo e respaldo para que, nos comentários, sejam expostas considerações radicais, que externam uma tentativa de ditar como a sociedade deve pensar, agir e fazer.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COUTINHO, Eduardo Granja. **A comunicação do oprimido e outros ensaios**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Mórula, 2014.
- FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- GONÇALVES, Denise Mafra. **A internet no olhar da comunicação brasileira**. Curitiba: Appris editora, 2016, 307p.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulos, 2007.
- SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulos, 2010.
- SÁ MARTINHO, Luís Mauro. **Comunicação e identidade**: Quem você pense que é? São Paulo: Paulos, 2010.
- SILVA NETO, C.E.; MACIEL, J.W.G. A era dos sistemas inteligentes: o hipertexto como ferramenta ciberespacial em arquivos. In: **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, 3. 2010.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SPYCER, Juliano. **Conectado**: o que a internet fez com você e o que você fazer com ela. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.